

## Revisitar caminhos, percorrer a história: os quarenta anos da revista *Psico*

*Revisit ways, go through the history: the forty years of the Psico journal*

*Volver a caminos, ir a la historia: los cuarenta años de la revista Psico*

Ana Maria Jacó-Vilela  
Renata Patricia Forain de Valentim

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro, RJ, Brasil*

---

Os periódicos científicos surgem no Brasil do século XIX, de sua primeira área de ensino superior: a Medicina. São eles: o *Brazil Médico*, no Rio de Janeiro, em 1862; e a *Gazeta Médica*, na Bahia, em 1866 (Schwarcz, 1995). Cabe pensar que, mesmo no caso brasileiro, o periódico científico tem uma história antiga, e que, embora não seja necessariamente ligado às universidades, depende de uma cultura científica para sua existência. Trata-se de um acervo de conhecimento e de um instrumento didático, que possibilita a visibilidade da produção científica, a troca entre os pares e a validação das pesquisas.

Nestes duzentos anos, o quadro da produção científica experimentou dramática mudança (Meadows, 1999; Biojone, 2003). Considera-se que até recentemente eram publicados mundialmente mais de meio milhão de periódicos científicos (Biojone, 2001); para alimentá-los, Trzesniak (2001) estimava que fossem escritos cerca de sete mil artigos por dia.

O lugar de tais periódicos, de caráter científico ou técnico, é bem definido. Diferenciam-se de outras formas de produção e disseminação do conhecimento científico, tanto por sua relativa rapidez de editoração e divulgação; quanto por seu alcance geográfico, que se expande cada vez mais através das publicações online. Além disso, os periódicos são especializados, vinculam-se à temáticas específicas, o que, se por um lado restringe seu alcance; por outro, amplia sua legitimidade e o consolida como veículo de um campo científico determinado.

Para os estudos de história, o periódico tem uma importância singular. Pode não só ser utilizado como fonte de resgate da memória e de recuperação dos

dados que servirão de base para novas pesquisas; como também representa a recuperação de toda uma época e das relações sociais e culturais que nela se estabeleciam. Ele propicia resgatar a história de um campo, suas continuidades e rupturas, seu significado naquele momento. Além disso, permite leituras internas a ele próprio, tais como: editoração, autores mais frequentes, origens (institucionais e teóricas); análises que permitem uma avaliação transversal dos temas, situando historicamente sua construção e importância.

Por outro lado, dentro do paradigma avaliativo que se tornou parte integrante da pós-graduação brasileira, a análise bibliométrica representa tanto uma ferramenta historiográfica, quanto avaliativa. Nela são circunscritas desde suas mudanças editoriais, o percurso rumo às normatizações exigidas, o aprimoramento dos instrumentos de busca dos artigos, a presença do periódico nos indexadores internacionais, sua distribuição, a qualidade de seus textos, até seu corpo editorial e de consultores (Yamamoto et al., 2002)

Segundo Yamamoto et al. (2002), a ação que deflagra a avaliação dos periódicos surge a partir de uma decisão da CAPES. No caso específico da Psicologia, a Coordenação de Área propõe à ANPEPP (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia) realizá-la em conjunto, através de um grupo de trabalho composto por pesquisadores indicados pelas duas instâncias. Em 1998 será então constituída uma comissão conjugada, cujos objetivos eram tanto avaliar, quanto incitar o estabelecimento de parâmetros que fossem reconhecidos tanto nacional quanto internacionalmente.

Dentro destes parâmetros a revista *Psico* surge em 2002 como uma das dez publicações brasileiras mais influentes em sua área, tanto nos padrões de qualidade, como nos de circulação. Lugar que imprime uma diferenciação frente à profusão de revistas e, de modo quase decorrente, frente a uma crescente preocupação com a qualidade do que é publicado.

### MAS DE ONDE VEM A *PSICO*?

Em meio ao torvelinho cultural e político que marcou a década de 70 no Brasil, surge em março de 1971, o primeiro número da revista *Psico*, periódico científico do Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

A movimentação que marca de forma geral o período expressa-se em muitas direções. No campo social e político são anos cinzentos, de “chumbo”, metáfora fartamente utilizada pela mídia, em função da restrição das informações e da difusão das contra-informações, das torturas, “desaparecimentos”, arbítrios e desmandos que cercam a presidência do general Emílio Garrastazu Médici, considerada a mais dura e repressiva do período ditatorial inaugurado pelo golpe de 1964.

Nesta fase da história brasileira cresce a censura que vitima professores, cientistas, músicos, escritores, políticos, cineastas; exilando de forma mais ou menos violenta boa parte da inteligência brasileira e alienando as possíveis formas de resistência através da proliferação de pontes, ferrovias e hidroelétricas do chamado “milagre brasileiro”, indícios, que segundo a voz oficial, mostravam o destino inalienável de um “país que vai para frente”.

Contudo, as poucas formas de resistência do período que “desafinam o coro dos contentes”, demonstraram que não seria por “milagre” que as transformações necessárias ao desenvolvimento social, político, cultural e científico do país se dariam. Seria preciso que muitas décadas de trabalho consolidassem a disseminação e o reconhecimento, a produção e a divulgação de pesquisas sociais e científicas no Brasil.

É nesta conjuntura de múltiplas forças que o surgimento da revista *Psico* deve ser pensado. Pioneira na publicação acadêmica em Psicologia no Rio Grande do Sul foi idealizada e organizada pelo professor Ir. Pedro Finkler, diretor do Instituto de Psicologia na época. Veio no bojo de um projeto de expansão, em paralelo à instalação do Centro Psicotécnico (1971), da criação do mestrado em Psicologia Aplicada em 1972 (primeiro programa de pós-graduação do Estado), e da implantação do Serviço de Atendimento Psicológico

(1975), que passa a atender à comunidade (Scarparo, 2011).

Em seu primeiro número, a *Psico* se apresentava como o “órgão de divulgação das atividades acadêmicas do Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul”, relacionando, desde o seu princípio, estas atividades ao estudo e a pesquisa da Psicologia “em todos os seus ramos”. Neste número pode ser identificado ainda um duplo direcionamento. Por um lado, faz um tributo e um resgate do passado, recuperando dados históricos relativos à origem do Instituto e prestando uma homenagem póstuma ao Prof. Ir. José Hugo Simon, que em 1953 foi seu co-fundador.

Por outro lado, traz também uma preocupação com a contemporaneidade de seus aportes, trazendo o artigo “Desafios e dilemas do psicólogo”, aparentemente a transcrição de um discurso proferido pela paraninfa da turma de 1970, Dra. Juracy Marques. Nele, a autora recuperava a história da regulamentação da profissão de psicólogo e exortava seus alunos em sua última “situação de ensino-aprendizagem” a se inserirem nos desafios que “o mundo tecnológico em que vivemos” nos oferece; mantendo sempre uma “atitude franca, aberta e realista”, para pensar “seu próprio desempenho”.

O primeiro volume traz ainda, como índice de seu pertencimento ao Instituto de Psicologia, as matérias do currículo dos ciclos básico, profissional e do bacharelado em psicologia. Mostrando desde seu início a preocupação com a investigação e com a inserção social, a revista em seu número 1 apresenta também um artigo sobre exame psicotécnico, derivado da monografia elaborada por Lea Corina Serqueira, aluna do 4º ano de Formação de Psicólogos. Nesta, a aluna apresenta um estudo realizado em parceria com a prefeitura de Porto Alegre e que envolveu, como participantes, 456 candidatos a bolsas de estudo dos cursos mantidos ou subvencionados por esta prefeitura.

Estas políticas editoriais, de democratização e difusão do conhecimento, foram se consolidando ao longo dos seus 40 anos. Atualmente, a *Psico* encontra-se completamente inserida no campo específico das publicações científicas e faz parte do movimento de disseminação crescente das produções acadêmicas, item central na avaliação dos cursos de graduação e pós-graduação em Psicologia no Brasil.

Segundo as *normas para publicação*, disponíveis no *site* da revista, hoje sua missão é difundir e promover o conhecimento da Psicologia e áreas afins, “através de publicação de artigos originais sobre temáticas que privilegiem pesquisas e discussões teóricas sobre a

produção destes campos de conhecimento”; buscando ainda proporcionar o acesso público a todo seu conteúdo, “seguindo o princípio que tornar gratuito o acesso a pesquisas gera um maior intercâmbio global de conhecimento” (Normas para publicação na *Psico*, 2010).

Em seu número atual, os aspectos plurais que sempre caracterizaram a Psicologia, estão representados na diversidade dos artigos, que analisam desde as redes de comunicação ao agronegócio; passando pelos novos caminhos da administração brasileira e a teoria ecológica. Neles, podem ser entrevistados os mesmos propósitos de quarenta anos, caracterizados não só pela diversidade, como também pela contemporaneidade e atualidade de suas problematizações. Vida longa à revista *Psico*!

## REFERÊNCIAS

- Biojone, M. (2003). *Os periódicos científicos na comunicação da ciência*. São Paulo: EDUC/FAPESP.
- Meadows, A.J. (1999). *A comunicação científica*. Brasília: Briquet de Lemos Livros.
- Scarpato, H. (2011). Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (FAPSI/PUCRS) – 1998. In A.M. Jacó-Vilela (Org.). *Dicionário histórico de instituições de psicologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Imago.
- Schwarz, L. (1995). *O espetáculo das raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Trzesniak, P. (2001). A concepção e a construção da revista científica. In *I curso de editoração científica* (pp. 11-24). Brasília: CEDRHUS.
- Yamamoto, O.H. et al. (2002). Avaliação de periódicos científicos brasileiros da área da psicologia. *Ciência da Informação*, Brasília, 31(2).